

O ARTIGO 4^o DA DECLARAÇÃO *NOSTRA AETATE* EM DIÁLOGO COM O LIVRO *LE JUDAÏSME* DE DOMINIQUE DE LA MAISONNEUVE

Saul KIRSCHBAUM, Doutor em Letras pela FFLCH/USP, PPG Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas; Pós-doutor pela UNICAMP; professor do Centro Cristão de Estudos Judaicos; pesquisador do LABÔ – Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo.*

Maria Lúcia GUILHERME, Mestre em Letras pelo Programa de Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; pesquisadora do LABÔ – Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo.**

Resumo

O primeiro texto apresentado neste artigo é a declaração *Nostra Aetate*, artigo 4^o, discurso da Igreja Católica publicado nos documentos finais do Concílio Vaticano II em 1965. Ele aborda as relações entre cristãos e judeus e é entendido como revolucionário, pois propõe uma aproximação através do diálogo entre as duas tradições. Tal discurso se contrapõe radicalmente ao de todas as declarações conciliares dos dezesseis séculos anteriores que legalizavam a catequese antijudaica da Igreja. O segundo texto, o livro *Le Judaïsme*, é de autoria da francesa Dominique de La Maisonneuve, religiosa da Congregação Notre Dame de Sion, publicado em 1978. Ele é entendido, nesta análise, como uma resposta à proposta de diálogo feita pela *Nostra Aetate*. Tendo como pressupostos teóricos linguísticos os pensamentos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin envolvendo discursos, temos como objetivo, por meio deste artigo, estabelecer uma relação entre estes dois textos.

Palavras chaves: *Nostra Aetate*. *Le Judaïsme*. Concílio Vaticano II. Antijudaísmo. Dominique de La Maisonneuve.

Abstract

The first text presented in this article is the declaration *Nostra Aetate*, article 4, a speech by the Catholic Church published in the final documents of the Second Vatican Council in 1965. It addresses relations between Christians and Jews and is understood as revolutionary, as it proposes an approximation through dialogue between the two traditions. Such discourse is radically opposed to that of all the conciliar declarations of the previous sixteen centuries that legalized the Church's anti-Jewish catechesis. The second text, the book *Le Judaïsme*, was written by the Frenchwoman Dominique de La Maisonneuve, a religious from the Congregation Notre Dame de Sion, published in 1978. It is understood, in this analysis, as a response to the dialogue proposal made by *Nostra Aetate*. Having as linguistic theoretical assumptions the thoughts of language philosopher Mikhail Bakhtin involving speeches, we aim, through this article, to establish a relationship between these two texts.

* E-mail: saul.kirschbaum@gmail.com

** E-mail: marchi.malucia@gmail.com

Keywords: *Nostra Aetate*. *Le Judaïsme*. Second Vatican Council. Anti-Judaism. Dominique de La Maisonneuve.

Introdução

A declaração *Nostra Aetate* é um dos documentos resultantes do Concílio¹ Vaticano II, reunião da Igreja Católica, que aborda a relação desta Igreja com as religiões não cristãs. Os parágrafos que se referem às relações da Igreja com o judaísmo, que nomeamos como artigo 4º, sugerem a aproximação entre cristãos e judeus através de diálogo para alcançar um mútuo conhecimento. Esta alteração nas relações aponta para uma mudança da catequese antijudaica dentro da Igreja, depois de milênios, o que justifica sua presença neste artigo.

O outro texto, o livro *Le Judaïsme*, é um texto de Dominique de La Maisonneuve, autora francesa e religiosa pertencente à Congregação Notre Dame de Sion. Maisonneuve ingressou para a Congregação em 1951, onde se envolveu ativamente no ensino de línguas junto às atividades do ramo feminino da Congregação na cidade de Paris. Após o Concílio Vaticano II e a publicação da *Nostra Aetate*, a autora foi enviada pela Congregação para Jerusalém para aprender com os judeus “quem eles eram” (2019, p. 12) como ela aponta em seu livro. Como resultado de seu aprendizado, nasceu o livro *Le Judaïsme*, onde a autora via a possibilidade de “uma iniciação proposta aos cristãos tendo como finalidade ajudá-los a aprofundar sua vida de fé” (2019, p. 9).

Nosso objetivo neste artigo é identificar se o livro *Le Judaïsme* pode ser entendido como um discurso que responde à proposta de diálogo para aproximação entre cristãos e judeus feita pela *Nostra Aetate*. A ideia deste discurso enquanto ato responsivo, que sustenta nossa análise, provém de estudos sobre os pensamentos linguísticos de Mikhail Bakhtin, filósofo da linguagem, e de seu círculo de estudos². Trabalharemos os estudos apresentados nos livros: *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (1986; 2017) e *Gêneros do discurso* (2016).

Na primeira seção, os pressupostos teóricos sobre o aspecto discursivo da comunicação segundo Mikhail Bakhtin, que nortearão nossa análise, serão apresentados para

¹ Concílio: Assembleia de prelados católicos onde se tratam assuntos dogmáticos, doutrinários ou disciplinares; conselho, assembleia, reunião.

² O chamado “Círculo de Bakhtin” foi um grupo de intelectuais multidisciplinares que se dedicou a pensar nas formas de estudar linguagem, literatura e arte. São vastas as suas contribuições em diversas áreas, tais como: a sociolinguística e análise do discurso. Fonte: <https://petletras.paginas.ufsc.br/atividades-encerradas/grupos-de-estudos/grupo-de-estudos-o-circulo-de-bakhtin/> acesso em 13/03/2024.

posteriormente serem aplicados na quarta seção onde serão registrados os resultados. Na segunda seção, apresentaremos a declaração *Nostra Aetate* a partir dos estudos de pesquisa desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa *Relações entre Judaísmo e Cristianismo – Desencontros e Aproximações* do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ), à época coordenado por Saul Kirschbaum. O Livro *Le Judaïsme* e Dominique de La Maisonneuve serão apresentados na terceira seção a partir de resultados de pesquisa desenvolvida por Maria Lúcia Guilherme para dissertação de mestrado defendida junto à Universidade de São Paulo (USP) em 2023, de título *O livro Le Judaïsme em relação dialógica com a declaração Nostra Aetate: uma resposta à proposta de aproximação entre cristãos e judeus*, que se encontra relacionada nas referências.

Mikhail Bakhtin: o discurso na comunicação

Mikhail Bakhtin, filósofo da linguagem russo, viveu entre 1895 e 1975. Em torno da década de 1919 a 1929, Bakhtin se reunia com intelectuais de diferentes áreas do conhecimento, dentre os quais destacamos Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, e no centro das discussões estava a comunicação humana.

Este era um tema que permeava as discussões dos linguistas no final do século XIX e início do século XX dentro da corrente estruturalista na qual Ferdinand Saussure se destaca. O *Círculo de Bakhtin*, no entanto, propõe o estudo de uma comunicação discursiva ativa, dados que observamos no registro abaixo:

O autor expõe a análise linguística do século XIX como a que dá enfoque para a língua enquanto formação de pensamento, independente da comunicação que esta estabelece. Ele afirma que não era estabelecida uma relação entre o falante e “outros participantes da comunicação discursiva” (2016, p. 23). O ouvinte, quando considerado, era apenas no papel passivo em relação ao pensamento enunciado e ao enunciador. Termos como “ouvinte/entendedor” ou ainda “falante/ouvinte” são lembrados por Bakhtin como parte de análises deturpadoras de um processo de comunicação discursiva que deveria ser entendido de forma ativa. (GUILHERME, 2023, p. 76-77)

A inovação que o círculo de estudos de Mikhail Bakhtin trouxe para tais discussões foi sobre a construção do “eu” e do “outro” sendo arquitetada através de interações discursivas pautadas nas palavras, na língua. Segundo Bakhtin, as palavras do “um” constroem o “outro” e assim sucessivamente, através de uma rede de enunciados que são elaborados ativamente.

A língua é viva e administrada por um sujeito agente que, assim como mantém a sua individualidade enquanto ser único, transporta ideologias marcadas por seu contexto histórico

e social. Estes enunciados que compõem os discursos dialogam entre si e formam uma rede de interdiscursos. Eles são entendidos, pelo Círculo de Bakhtin, como atos concretos que assumem a posição ora de ato responsável, ora de ato responsivo. Estas ideias foram desenvolvidas em obras como *Para uma Filosofia do Ato Responsável* e *Gêneros do discurso*, de Mikhail Bakhtin, e exploradas por Marília Amorim em *Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”*, capítulo do livro *Bakhtin Dialogismo e Polifonia* organizado por Beth Brait. Segundo Amorim:

E o que é um ato segundo Bakhtin? [...] O ato é responsável e assinado: o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao *outro*, o que quer dizer que ele *responde* por isso. [...] O sujeito se responsabiliza inteiramente pelo pensamento. [...] o que vejo e o que penso são de minha responsabilidade. Ninguém mais pode pensar aquilo que penso. Ninguém mais pode prestar contas da minha posição e realizá-la, por isso não existe nenhum alibi para que eu não pense e não assumo o que penso. (AMORIM, 2009, p. 22-24)

Em seu livro *Gêneros do Discurso*, Bakhtin localiza os gêneros em meio a suas funções ativas. Aponta os gêneros primários e secundários:

Em cada época da evolução da linguagem literária, o tom é dado por determinados gêneros do discurso, e não só gêneros secundários (literários, publicísticos, científicos) mas também primários (determinados tipos de diálogo oral – de salão, íntimo, de círculo social, familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico etc.) (BAKHTIN, 2016, p. 20)

Ele destaca o diálogo existente entre os textos e a função do sujeito do discurso nestas relações, expondo a marca de individualidade do autor.

Em busca pela identificação da responsabilidade e responsividade dos discursos da declaração *Nostra Aetate* e do livro *Le Judaïsme*, enquanto atos concretos, é que nosso artigo se desenvolve.

Declaração *Nostra Aetate*

O Concílio Vaticano II, vigésimo primeiro Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado em 25 de dezembro de 1961 pelo Papa João XXIII; os trabalhos estenderam-se de 11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965, tendo sido encerrados pelo Papa Paulo VI, sucessor de João XXIII, que falecera em 3 de junho de 1963.

Entre outras deliberações, o Concílio aprovou a chamada Declaração *Nostra Aetate*³, que tratava de rever as relações da Igreja Católica com as outras religiões. Em particular, no que aqui nos interessa, com o povo judeu. Como observam Passelecq e Suchecky (1998, p. 179, nº 10), a redação do texto foi objeto de “polêmicas e manobras”. Uma das maiores polêmicas teria sido o problema do reconhecimento do Estado de Israel pelo Vaticano e a resistência dos bispos católicos dos países árabes.

A necessidade de reposicionar as atitudes da Igreja face aos judeus já vinha sendo objeto de reflexões, motivadas pela preocupante ascensão do nazismo ao poder na Alemanha a partir de 1933. O Papa Pio XI, que ocupou o cargo de 1929 até sua morte em 1939, teria encomendado a redação de uma encíclica, que levaria o título de *Humani Generis Unitas*; infelizmente, esta encíclica não chegou a ser objeto de consideração em vista da morte do pontífice, e não foi adotada por seu sucessor, Pio XII.

A encíclica projetada fazia reiteradas referências à “questão judaica” ou às relações da Igreja Católica com o judaísmo, que demandava uma revisão de parte da Igreja; o parágrafo 133, por exemplo, teria a seguinte redação:

E, no entanto, essa campanha injusta, impiedosa, contra os judeus sob a capa cristã tem, pelo menos, a vantagem, se é que podemos nos exprimir assim, em relação à batalha da raça, a saber: lembra a verdadeira natureza, a base autêntica da separação social entre os judeus e o resto da humanidade. Tal base tem um caráter diretamente religioso; assim, a pretensa questão judaica, em sua essência, não é uma questão de raça, nação, nacionalidade territorial ou cidadania, mas trata-se de uma questão de religião e, após a vinda do Cristo, uma questão de cristianismo. (Passelecq, Suchecky, 1997, p. 355)

Frustrada a tentativa de Pio XI, o tema perdeu relevância, somente readquirindo foco quando da realização do Concílio Vaticano II, ou seja, após a ocorrência da maior tragédia que se abateu sobre o povo judeu, a *Shoah*, que exterminou seis milhões de indivíduos dessa etnia.

A autocrítica da postura da Igreja face aos judeus acabou sendo incluída na pauta do Concílio graças, em boa parte, aos esforços de Jules Isaac. Isaac (1877-1963), historiador judeu-francês, educador destacado, perdeu esposa e filha na catástrofe nazista; salvo fortuitamente de também ser assassinado, passou, a partir do final da guerra, a dedicar-se à

³ https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html

aproximação entre cristãos e judeus, sendo um dos fundadores, em 1948, da Associação inter-religiosa “Amitié Judéo-Chrétienne de France” (Amizade Judaico-Cristã da França).

Já durante a guerra Isaac escrevera *Jésus et Israël*, sua obra de maior destaque, na qual denunciava a longa história de “ensino do desprezo” praticado pela Igreja e promovia uma ampla desconstrução das acusações que a Igreja sustentava contra os judeus - em especial a de deicídio – bem como enfatizava o fato de Jesus ser judeu. O livro foi publicado em 1948; não obstante, as ideias que vinha defendendo tornaram Isaac um dos protagonistas da *Conferência de Seelisberg*, em 1947, evento no qual cerca de 65 pessoas, judeus e cristãos de várias denominações, reuniram-se para uma ampla discussão sobre o antissemitismo e como combatê-lo, tendo como objetivo último o estabelecimento de uma nova base para o diálogo entre judeus e cristãos; do evento resultou a aprovação de um documento composto por dez pontos.

Na sequência, Jules Isaac obteve a oportunidade de apresentar a João XXIII o documento aprovado em Seelisberg, Suíça. O Papa encaminhou o documento para o Cardeal Augustin Bea, encarregando-o de preparar o material para apreciação no Concílio.

A contribuição da *Nostra Aetate* para a melhoria das relações entre judeus e católicos é absolutamente inegável. Entre outros avanços, provocou mudanças na catequese cristã e motivou a fundação de instituições que promovem a reconciliação entre os dois grupos. E deu frutos. A esse respeito, Maria Campos assinala que:

Após a necessária série de negações encontradas no texto de *Nostra Aetate*, os judeus, como povo, *não* são culpados pela morte de Cristo *nem* devem ser apresentados no ensino cristão como amaldiçoados etc. - inicia-se, também sob o legado de Isaac, com Ellul e outros exegetas, a era das afirmações de uma nova teologia cristã sobre os judeus e sobre as relações entre estes e cristãos. (CAMPOS, 2007, p. 379)

Entretanto, é preciso ter presente que a *Nostra Aetate* é uma “Declaração”, gênero de documento endereçado para fora da Igreja e que se caracteriza por seu caráter não vinculante; ou seja, o clero e os fiéis não ficam obrigados a seguir suas estipulações. Esta característica talvez explique, em parte, sua não difusão massiva e seu relativo desconhecimento por parte do povo católico.

A Declaração legitima a aproximação com os judeus no “patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus”, e propõe como ferramentas os estudos bíblicos e teológicos:

Sendo assim tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos

estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos. (N.A., art. 4º, 1965)

A importância da *Nostra Aetate* para a melhoria das relações entre cristãos e judeus pode ser avaliada pelas inúmeras reflexões a que deu origem. Entre estas, relacionamos algumas, para exemplificar e para servirem de estímulo para pesquisas posteriores por parte do leitor interessado:

- “Orientações e sugestões para a aplicação da declaração conciliar *Nostra Aetate*”, elaboradas pela Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo em 01 de dezembro de 1974;
- “Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado” – publicado pela Comissão Teológica Internacional em 2000;
- “Dabru Emet – A Jewish Statement on Christians and Christianity” – publicado em 10 de setembro de 2000 como anúncio de página inteira no *New York Times*;
- “Discurso do Papa João Paulo II ao Rabino-chefe de Roma” em 13 de fevereiro de 2003;
- “Os Doze pontos de Berlim – construindo a nova relação entre judeus e cristãos” – publicação do Conselho Internacional de Cristãos e suas organizações-membro, de julho de 2009;
- “*Nostra Aetate* após 50 anos: história, e não só memória, do Vaticano II” – escrito por Massimo Faggioli em 30 de outubro de 2015 e publicado em tradução na revista IHU on-line em 03 de novembro de 2015;
- “Passos do diálogo católico-judaico em documentos católicos desde a *Nostra Aetate*”, de Maria Teresa de Freitas Cardoso, publicado na revista *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, vol. 9, num. 2, maio-agosto de 2017;
- “Is Dabru Emet the Jewish *Nostra Aetate*? Sic et Non” – artigo do rabino David Fox Sandmel em 23 de junho de 2021 em www.american-religion.org.

Dominique de La Maisonneuve e o livro *Le Judaïsme*

Dominique de La Maisonneuve nasceu em 1929, em Alençon, vila localizada na região da Normandia, França. Estudou na Escola Notre Dame de Sion em Paris. Em 1951 entrou na Congregação Notre Dame de Sion. Formou-se em Teologia (Instituto Católico de Paris 1960), em Letras Modernas-Inglês/Alemão (Paris 1962) e bacharelou-se em Língua Hebraica e Pensamento Judaico pela Universidade Hebraica de Jerusalém em 1977. Atuou

como professora de francês e latim nas escolas da Congregação em Marseille, Paris e Grenoble.

Foi após a publicação de *Nostra Aetate* que *Soeur* Dominique, como é conhecida em sua comunidade, passou a se aproximar do estudo sobre os judeus e sua relação com a Igreja Católica como ela expôs em entrevista em 28 de julho de 2022:

Ela nos contou que, após a publicação da *Nostra Aetate*, o cardeal Augustin Bea convocou as Irmãs da Congregação Notre Dame de Sion para implementarem a *Nostra Aetate*: “Ele veio a Roma até nós e disse: Irmãs de Sion, agora cabe a vocês implementar a *Nostra Aetate*; porque na Igreja foi a primeira vez, a primeira vez que um concílio tratou de forma favorável os judeus, a primeira vez! Então foi uma revolução e uma revolução não acontece, não é necessariamente transmitida de maneira fácil”. (GUILHERME, 2023, p. 71)

Como vimos nas seções anteriores, a *Nostra Aetate* recomenda aos cristãos que haja uma aproximação com os judeus através de estudos e diálogos fraternos. Esta sugestão chegou ao ramo feminino da Congregação Notre Dame de Sion, conforme narrativa já exposta de Maisonneuve, quando houve uma convocação do cardeal Augustin Bea para que as irmãs se responsabilizassem pela implementação desta aproximação.

Ao retornar a Paris, no final da década de setenta, Maisonneuve deu continuidade ao trabalho no magistério que fazia antes de sua partida, mas integrou os conhecimentos adquiridos em seus estudos sobre a língua hebraica e cultura judaica em Israel, superando os obstáculos que surgiram, como apontam suas palavras:

Fui professora no Instituto Católico de Paris[;] não é longe de onde moramos, é ali na rue d'Assas. Eu ensinei hebraico, judaísmo e a tradição rabínica gradualmente porque estes temas não passavam facilmente entre os cristãos [oh lá, lá!] foi preciso muita diplomacia e tato e assim ensinei durante 20 anos na Catho e depois do Instituto Católico. (GUILHERME, 2023, p.75)

Neste mesmo período, *Soeur* Dominique começou a escrita e publicação de seus livros envolvendo temáticas judaicas: *Paraboles rabbiniques* (1984), *L'hébreu biblique par les textes I* (1988), *Prières juives* (1989), *L'hébreu biblique par les textes II* (1991), *Les fêtes juives* (1993), *Le judaïsme, la vie du peuple de Jésus* (1984, 1990, 1999), *Hébreu biblique, Méthode élémentaire* (1977), *Le judaïsme* (1998, 2007, 2017) traduzido em português: *Judaísmo simplesmente* (2019), *La Tora vient des cieux, Introduction au sens du langage biblique* (2010), *Histoire du SIDIC, Service Information-Documentation juifs et Chrétiens* (2018). Paralelamente ela foi membro e, posteriormente, presidente do SIDIC (Serviço de

Informação e Documentação Judaica/Cristã) de 1977 a 2016. Em 2012, obteve o prêmio AJCF Amitié Judéo-Chrétienne de France.

Dentre seus livros, destacamos *Le Judaïsme*, sobre o qual segue exposição por encontrarmos presente, no discurso de Maisonneuve, o registro do assumir a responsabilidade invocada pelo Cardeal Bea frente à proposta de diálogo da *Nostra Aetate*. Tal livro foi traduzido para o português, em 2019, com o nome *Judaísmo simplesmente*.

Ele é formado de uma introdução, oito capítulos e uma conclusão. A primeira edição data de 1998 e foi atualizada em 2007 com o acréscimo do capítulo 7 sobre “o povo judeu hoje”.

No livro, é possível observar a presença de outros textos em diálogo com o texto de Maisonneuve, como é o caso - em particular - da *Nostra Aetate*, artigo 4, conforme registro abaixo:

Registramos o cotejo de outros textos, dentro do livro em análise, como a citação da escrita do historiador Jules Isaac, o texto da *Nostra Aetate* e o Discurso de João Paulo II na sinagoga de Roma em 1986, fato que abre um diálogo entre *Le Judaïsme* e estes textos. A menção destes discursos é intermediada pela informação de que esta é a razão de sua obra: “depois de dois mil anos de ‘ensino de desprezo’, ir rumo ao reconhecimento de ‘nossos irmãos mais velhos na fé’” [2019, p. 14]. (GUILHERME, 2023, p. 80)

Chamando a atenção para o fato de que a autora é uma religiosa cristã, dado relevante sobre a narrativa em análise, apresentamos um breve panorama sobre os temas abordados no livro.

Maisonneuve inicia apresentando a formação do povo judeu dentro de uma perspectiva bíblica. Ela situa historicamente o movimento de deslocamento deste povo dentro do espaço geográfico do Oriente Médio, à época, impulsionado pelos contextos sociais, políticos e econômicos. Todo o percurso encontra-se apoiado em pesquisa histórica, que a autora registra nas referências, sendo cotejado por textos bíblicos, como é o caso da citação do livro dos Salmos e de Ezequiel (MAISONNEUVE, 2019, p. 22).

Ao narrar as invasões sofridas por Israel até a ocupação romana, Maisonneuve retrata como estes acontecimentos influíram na organização do povo judeu diaspórico, uma vez que os Templos foram destruídos afetando a vida comunitária que acontecia em seu entorno. Este cenário foi construído a partir de informações que a autora selecionou nos Evangelhos, como ela mesma comenta: “O Novo Testamento nos mostra o povo judeu subindo ao Templo, entrando na sinagoga e se deslocando de província em província.” (2019, p. 26).

Maisonneuve esclarece ao leitor a formação de diferentes grupos judaicos. Apresenta os saduceus, fariseus, essênios e zelotes entre os grupos judaicos do primeiro século, chegando assim ao âmago da narrativa que é apresentar Jesus como judeu através da aproximação de tópicos identitários obtidos a partir de sua leitura e interpretação dos textos bíblicos. A identidade judaica de Jesus é registrada a partir de aproximações feitas com questões como por exemplo a crença ou não na ressurreição dentre outras, seleção feita por Guilherme M.L. em sua dissertação:

[...] o Novo Testamento deixa pressentir que Jesus é próximo dos fariseus: quer se trate da proclamação da ressurreição [Mt 22,23]. De sua fidelidade à observância: Eu não vim abolir [...] [Mt 5,17]. “É isso que seria preciso fazer, sem negligenciar aquilo” [Mt 23,23], de sua assiduidade ao Templo [Lc 2,42]. Ou do seu cuidado ao ensinar as multidões [Mc 6,34]. [MAISONNEUVE, 2019,p. 29]. (GUILHERME, 2023, p. 82)

A importância da observação entre os costumes de Jesus e da comunidade judaica de sua época havia sido explorada no livro *Jesus e Israel* pelo historiador francês Jules Isaac: “Jesus, o Jesus dos Evangelhos, Filho único e Encarnação de Deus para os cristãos, foi na sua vida humana um judeu, um simples artesão judeu. Este é um fato que nenhum cristão tem o direito de ignorar” (ISAAC, 1986, p. 11).

A autora avança em sua narrativa histórica, levantando hipóteses para as divergências entre grupos distintos no primeiro século, sobre a messianidade de Jesus dentro de um panorâmico contexto econômico, político e social. Ela destaca a disputa entre os judeus e os novos cristãos pelo título de “filho eleito” por um mesmo Pai. Ainda focalizando os primeiros séculos, *Soeur* Dominique apresenta a formação da catequese antijudaica elaborada por padres da Igreja que marcaram o rompimento entre cristãos e judeus e formaram a imagem do judeu deicida que invadiria séculos impregnando a memória da comunidade cristã. Tal caminho de afastamento se deu por séculos, agravando-se através de decisões conciliares, e só houve uma proposta de reversão a partir da publicação da declaração *Nostra Aetate*, artigo 4º, documento conciliar publicado como resultado ao Concílio Vaticano II, em 1965, documento abordado por Maisonneuve no capítulo VIII de seu livro.

A partir do retrato que Dominique de La Maisonneuve faz da história judaica para o leitor cristão é possível concluir que, segundo análise estruturada em conceitos sobre gêneros do discurso do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, o livro *Le Judaïsme* atinge o objetivo de colocar elementos da tradição judaica diante da tradição cristã. A linguagem informal adotada pela autora traz para o leitor elementos densos que servem para alimentar um

aprofundamento caso este se sinta impulsionado. Ao promover o diálogo entre textos bíblicos e históricos ela permite que ouçamos diferentes vozes, além de sua própria, além de abrir perspectivas para que ações responsivas ocorram encaixando-se assim no conceito de gêneros de discurso secundário que, segundo Bakhtin (2016, p. 23), são complexos: “Na maioria dos casos, os gêneros da complexa comunicação cultural foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado” e possibilitam ações responsivas dentro de uma infindável cadeia discursiva.

Conclusões

Dentro da corrente de discursos do qual faz parte a declaração *Nostra Aetate*, percebemos o livro *Le Judaïsme* de Dominique De La Maisonneuve como um ato responsivo à proposta de diálogo que consta no texto da Igreja Católica.

Entendemos que os atos se encadeiam. O *ato responsável*, que para Bakhtin é o resultado da ação do sujeito agente quando este se pronuncia, suscita respostas, *atos responsivos*; esses atos responsivos, por sua vez, se constituem em novos atos responsáveis, provocando o surgimento de novos atos responsivos e assim sucessivamente.

É possível observar que o registro das reflexões de Jules Isaac, em seu livro *Jesus e Israel*, constituem um ato responsável que gerou, enquanto ato responsivo, os dez pontos de Seelisberg, documento final da II Conferência Internacional de Emergência sobre o Antissemitismo ocorrido em Seelisberg-Suíça. Estes dez pontos aprovados nessa conferência, por sua vez, na condição de ato responsável, ao serem entregues como parte dos documentos ao Papa João XXIII por Jules Isaac em encontro no ano de 1960, oportunizaram como ato responsivo a *Declaração Nostra Aetate*; de novo, a *Declaração Nostra Aetate*, como ato responsável, provocou uma gama de atos responsivos, entre os quais o livro de Dominique De La Maisonneuve, *Le Judaïsme*, abordado acima.

O presente artigo, então, se propõe como ato responsivo da vida e obra dessa grande pensadora e aspira, por sua vez, se constituir em ato responsável, abrindo espaço para novos atos responsivos entre seus leitores na grande tarefa da reconciliação entre judeus e cristãos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo. Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para Uma Filosofia Do Ato Responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos. Pedro & João Editores, 2017.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. “**Jules Isaac: a transformação do desprezo em estima**” in *Helena Lewin (coord.) Judaísmo e Modernidade: suas múltiplas inter-relações*. Rio de Janeiro: H. Lewin, 2007, p. 373-379.

GUILHERME, Maria Lucia. **O livro Le Judaïsme em relação dialógica com a declaração Nostra Aetate: uma resposta à proposta de aproximação entre cristãos e judeus**. 2023. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ISAAC, Jules. **Jesus e Israel**. Tradução J. Guinsburg, Plínio Martins Filho e Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MAISONNEUVE, Dominique de La. **Judaísmo simplesmente: “A salvação vem dos Judeus”**. Trad. Ivete Hoffmann e Equipe do Sion Curitiba. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.

PASSELECQ, Georges - SUCHECKY, Bernard. **A encíclica escondida de Pio XI: uma oportunidade perdida pela Igreja diante do antissemitismo**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

VATICAN ARCHIVE: **Documento Nostra Aetate**. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html Acesso em: 06/11/2023.